

## Como a Bela da aldeia acabou ficando velha e feia

Oxum, a Bela, sempre foi a moça mais bonita,  
a moça mais cortejada e mais vaidosa do lugar.  
Morava perto da lagoa  
onde todos os dias ia se banhar.  
À lagoa ia todos os dias polir suas pulseiras douradas;  
lavar-se e polir suas joias de precioso metal,  
lavar e polir o seu punhal de ouro.  
Oxum, a Bela, caminhava junto às margens,  
sobre as pedras cobertas pela água rasa da beira da lagoa.  
E as pedras brutas alisavam os seus pés  
e seus pés nas pedras ficavam mais formosos, tão macios.  
Oxum ia à lagoa sempre esperando encontrar um novo amor,  
que viria um dia, espreitando, apreciar sua beleza.  
Todos os homens se apaixonavam por Oxum,  
mas ela queria o amor de um que ainda havia de chegar.  
Oxum caminhava nua pelas pedras em torno da lagoa,  
esperando pelo homem que um dia ia chegar.  
Oxum, a Bela, ia à lagoa brunir os seus metais  
e na lagoa lavava seu punhal de ouro.  
Ia banhar seu corpo arredondado, lavar os seus cabelos,  
lixar seus pés nas rochas ásperas do lago.  
Oxum ia desnuda, pensando num amor a conquistar.

Tanto foi Oxum, a Bela, à lagoa,  
que as pedras se gastaram com seu caminhar.  
Transformaram-se em seixos rolados pelo tempo,  
modelados e alisados sob seus bonitos pés.  
Aí um dia aproximou-se da lagoa um belo caçador  
e Oxum, a Bela, por ele logo se apaixonou.  
Nas águas da lagoa, Oxum dançou danças de amor e sedução  
e o caçador deixou-se atrair por tanto encanto.  
Enamorou-se de Oxum perdidamente,  
embora não pudesse ver o rosto dela,  
escondido do olhar dos curiosos por uma cascata de contas.

Naquele tempo, na África dos iorubás,  
reis e rainhas cobriam o rosto  
para não serem vistos pelos mortais comuns.  
Oxum, a Bela, era uma princesa, uma rainha,  
e seu rosto era tabu para os plebeus.  
O caçador, contudo, podia imaginar a sua formosura.  
Ela dançava nas águas do lago para ele  
e ele a chamou à terra, ao prazer do amor.  
Quando Oxum saía da água para entregar-se ao caçador,  
as contas que lhe cobriam o rosto voaram com o vento  
e a face de Oxum se descobriu para ele.

Terrível surpresa!

Oxum, a que gastara com os pés as pedras  
de tanto caminhar para o zelo da beleza,  
transformando pedras brutas em pedras polidas,  
a que não sentira passar o tempo necessário  
para que rochas brutas se transformassem em seixos rolados,  
Oxum, sim, Oxum, a Bela, estava velha.

Muito velha. Muito feia.

Na face gasta e enrugada pelo tempo,  
os olhos estavam desbotados e sem viço.

Era uma mulher muito velha e muito feia.

A mais feia e velha de todas as mulheres.

O caçador nem podia acreditar.

Não era a mulher bela que o extasiara.

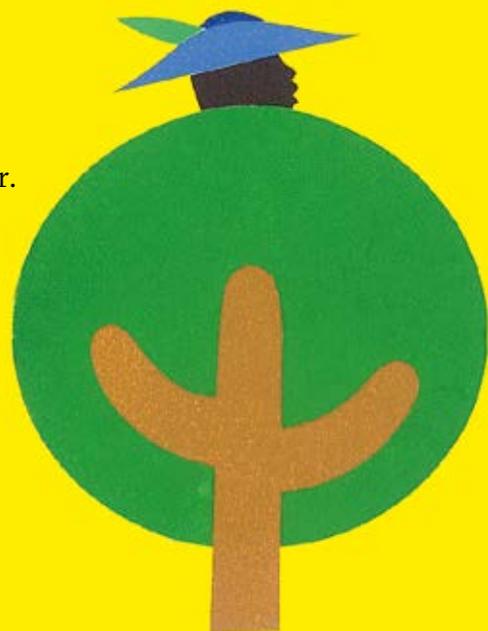
Não era a mais doce das belezas que quisera arrebatá-lo.

Assustado e ofendido pelo espetáculo,  
ferido pela decepção, temeroso da feia visão,  
o caçador gritou:

“É a mulher-pássaro, a velha feiticeira!

É a terrível mulher-pássaro, é Iá Mi Oxorongá!”.

O caçador havia confundido Oxum envelhecida  
com uma das temidas feiticeiras Iá Mi Oxorongá,  
mães ancestrais, donas do feitiço,  
que faziam o mal por puro prazer  
e aprisionavam os homens em mil tormentos.





O povo daquele lugar acreditava nessas terríveis criaturas,  
às quais atribuíam todo tipo de males e mazelas.  
Não sabiam que, de fato, tudo o que as mães Iá Mi queriam  
era defender seus filhos e garantir os seus direitos.  
Mesmo que, se preciso fosse,  
tivessem de fazer uso das artes da feitiçaria.  
Eram mães, mães apenas,  
mães que amavam e defendiam a sua cria.  
Mas o povo acreditava que eram criaturas do mal  
e inventaram histórias terríveis sobre elas.

Tudo isso assustava o caçador.  
Tudo isso o fez gritar, num lampejo de heroísmo:  
“Preciso ir à aldeia avisar a todos  
que é aqui então que mora a terrível velha-mãe,  
aquela cujo nome nem se deve pronunciar!”.  
Oxum estava pasma, surpresa, enfurecida.  
A ação do tempo lhe fora mais do que funesta.  
O tempo da beleza se esgotara e Oxum não percebera.  
Todo o tempo apurando sua juventude,  
todo o tempo banhando seus cabelos,  
polindo seu punhal, lavando suas pulseiras.  
Oxum, a Bela, não podia deixar que a aldeia  
viesse a conhecer o seu segredo:  
que Oxum, a Bela, envelhecera.  
Oxum, a Velha, a Feia.  
Oxum não podia deixar ir-se o caçador.  
Oxum matou o caçador com seu punhal de ouro  
e depois lançou-se atormentada na lagoa.  
E nas águas Oxum se transformou num peixe  
e o peixe nadou em direção às profundezas.

Oxum habitou o fundo da lagoa,  
mas a memória de sua beleza ficou inscrita  
em cada um dos seixos polidos por seus pés.  
Oxum será para sempre Oxum, a Bela,  
por quem todos os homens se apaixonam.

